

Relatório Técnico Referente às atividades orientadas

Acadêmica: Samara Fabiane de Oliveira Medeiros

Orientadora: Simone Rocha de Abreu

FRONTEIRIÇA: Uma pesquisa pictórica sobre a Fronteira Brasil-Bolívia.

Esta pesquisa pictórica para a construção de uma série de pinturas que refletem sobre a minha identidade como mulher fronteiriça, a série em questão se intitula *Fronteiriça*. O que é esse lugar da fronteira entre Brasil e Bolívia? O que significa ter crescido nessa fronteira? O que é ser latino-americana em meio à fronteira de Corumbá? São perguntas que atravessam essa pesquisa.

Sou de Corumbá, sou da fronteira, sou latino-americana, sou artista visual em formação e sou comprometida com a teoria Decolonial, preocupada, portanto, em entender a América Latina para além do processo colonial, suas consequências e permanências em nosso continente. Esse comprometimento com a decolonialidade expressa-se pela representação de elementos identitários do entorno com foco em Corumbá, cidade de fronteira Brasil-Bolívia, onde nasci e vivi até o momento de trânsito para realizar os estudos universitários em Campo Grande, mesmo com esta mudança de domicílio mantenho laços fortes com a cidade de origem e inclusive constantes visitas aos parentes, principalmente à minha avó que me criou.

Ao pensar em Corumbá, meu lugar de origem, me deparo com uma cidade do interior e com um histórico interessante, que traz consigo a questão Brasil-Bolívia. Corumbá é um espaço fronteiriço dividido por uma linha imaginária, onde há o compartilhamento de diferentes culturas, além disso, é ao mesmo tempo o lugar do homem pantaneiro conectado com a natureza. O que posso listar como um intercâmbio através da minha própria vivência é a influência desse espaço sobre mim. Questionamentos sobre a minha identidade como mulher fronteiriça são necessários para a valorização das peculiaridades desse lugar, valorização da identidade pessoal e de todos os habitantes da região.

Como consequência da extensão da fronteira seca é fácil o acesso de ambos lados Brasil-Bolívia o que garante a forte presença de brasileiros e bolivianos nos comércio, tanto de um lado da fronteira quanto o de outro movimentando o comércio local, todos a procura de produtos com valores mais acessíveis, para mim essa troca é que caracteriza a

fronteira. Nas feiras bolivianas observa-se a adaptação para compreender os interesses de seus clientes através, principalmente, do uso corrente doportunhol.

Quando penso na Bolívia da fronteira, não o país como um todo, mas a Bolívia de Corumbá aquela que existe na fronteira, logo me vem à cabeça as feiras, as cholas com suas vestimentas coloridas, seus longos cabelos divididos e trançados, além das ruas empoeiradas da cidade de *Arroyo Concepción* e o comércio que vendem coisas distintas em uma mesma loja. Penso em trazer para a pintura essa mistura, por meio da observação dessas representações cotidianas das feiras repletas de produtos e ofertas.

Confesso que a minha aproximação ao tema e/ou a ideia de América Latina decorreu das cores vibrantes, das diferenças culturais expressas, entre outras formas, pela forte presença dos tecidos, ou seja, as questões estética. A escolha do tema também está ligado às questões de identidade e pertencimento às minhas origens, e isso deu início à busca de uma melhor compreensão do que é ser latina-americana, e dos preconceitos ligados às regiões de fronteiras sul americana pertencentes à minha realidade.

Buscando uma maior percepção do que representa a América Latina e o que é ser latino-americana, recebi de minha orientadora duas indicações de leitura: a primeira delas foi o livro de Eduardo Galeano *As veias abertas da América Latina*, essa leitura me fez perceber que todos os latino-americanos descendemos do mesmo sofrimento seja o algoz Português ou Espanhol, os colonizadores estabeleceram um jogo de interesses que não nos pertencia. A segunda leitura foi *América Latina Existe?* de Darcy Ribeiro, que em seu livro traz recortes organizadas por um grupo ... mas que tem grande importância para compreender o que somos e qual o nosso lugar de pertencimento, como somos posicionado em um local onde a prosperidade só alcança os ricos por meio do controle populacional, e a exploração do dia a dia. Como resultado de toda essa exploração surgimos como latinos-americanos que desconhecem suas próprias fronteiras.

Na América do Sul, o Brasil faz uma fronteira terrestre de quinze mil quilômetros com outros países. Como ela corre, deserta, na montanha ou na floresta impenetrada — uma vez que só temos uns poucos pontos de contatos —, é como se pertencêssemos a continentes diferentes. [...]Somos, culturalmente, uma espécie de povos tábua rasa, desculturados dos saberes e das artes tão elaboradas de nossas matrizes indígenas, africanas, europeias.(Ribeiro, 2010,p 83-84)

A cidade de Corumbá possui 64.432,450 km² (2022) de área territorial segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com o índice populacional 96.268 [2022] (IBGE). Segundo Gonçalves (2011), o município de Corumbá possui 385,7 km de

fronteira com a Bolívia e 152,2 km com o Paraguai cuja extensão total perfaz 537,9 km, o que representa um pequeno segmento recortado da vasta fronteira continental brasileira. Devido a essa ampla divisão de território compartilhada, é claro que haveria trocas culturais e interesses nesta região. Embora Corumbá tenha fronteira com Paraguai e com a Bolívia, é mais relevante a fronteira com a Bolívia, por ser muito próxima e maior em extensão, portanto, nesse trabalho falaremos da fronteira boliviana.

A expedição dos bandeirantes em 1718 desbravou a região e criou o núcleo urbano que gerou a região de Corumbá, expedição com os interesses de colonização na expansão territorial, devido à procura por metais preciosos. Fundada em 21 de setembro de 1778, ampliando o território brasileiro, que na ocasião era pertencente à coroa portuguesa. Essa expansão de terra só foi possível devido a tomada das terras pertencentes aos povos indígenas desta região, o que mais tarde acabou gerando outros conflitos com o Paraguai, que também queria o domínio do território. No dia 11 de junho de 1865 o Brasil perdeu a disputa, e somente dois anos depois acabou retomando a vila de Corumbá no dia 13 de junho de 1867, e aos poucos foi reconstruída se tornando uma cidade e centro comercial fluvial até 1914, na qual contribuiu muito para a região. (CORRÊA, 1973).

Durante a leitura as veias abertas da América Latina de Eduardo Galeano, me deparei com a situação da exploração da mina de Potosí logo após a chegada dos espanhóis, na região que atualmente pertence à Bolívia, uma constante busca por metais preciosos,

Nasceu o mito do Eldorado, o rei banhado em ouro que os indígenas inventaram para afastar os intrusos: de Gonzalo Pizarro a Walter Raleigh, muitos o perseguiram em vão nas florestas e nas águas do Amazonas e do Orinoco. A quimera do “monte que manava prata” se tornou realidade em 1545, com o descobrimento de Potosí, mas antes já haviam morrido, vencidos pela fome, pelas doenças ou atravessados por flechas indígenas, muitos dos expedicionários que, subindo o rio Paraná, tentaram infrutiferamente alcançar o manancial de prata. (Galeano, 2010, p. 19)

A busca dos europeus pelo ouro se espalhou por todo o continente americano, como já mencionado anteriormente, Corumbá também está incluso nesse processo e apresentando o discurso de delimitação do espaço em prol da coroa, essas mesmas áreas que possuía e ainda possui em seus solos riquezas.

A história de Potosí não nascera com os espanhóis. Tempos antes da conquista, o inca Huayna Cápac tinha ouvido seus vassallos falarem no Sumaj Orcko, a montanha formosa, e por fim pôde vê-la quando fez com que o levassem, já enfermo, às termas de Tarapaya. Das choças de

palha do povoado de Cantumarca, os olhos do inca contemplaram pela primeira vez aquele cone perfeito que se alçava, orgulhoso, entre os altos cumes da cordilheira. (Galeano, 2010, p. 26)

Segundo Galeano a cidade de Potosí era uma das maiores e mais ricas cidades do mundo, por volta de 1650, mas que nos dias atuais é só mais uma cidade pobre da Bolívia.

Título da pintura: Pachamama chora o futuro

Fig. 19. Samara Medeiros. **Pachamama chora o futuro**. 2024. óleo s/ tela 85x75 cm.



Fonte: Acervo pessoal.

Surgindo da terra e retornando para ela, Pachamama a deusa andina que traz consigo a vida, **a morte** e um véu traçando essa similaridade entre as duas cidades, chorando devido a todo o sofrimento de seus povos, mortes devido a ganância dos colonizadores, utiliza dessas tragédias para suas fortalecer a resistência que nascem por meio de suas lágrimas, essas que são grãos de milho, que ainda permanecem como um futuro. De suas tranças escorrem minerais formando uma poça em vermelho urucum.

Integrando a composição da obra, temos também a junção de dois morros de extração de metais, a de Potosí localizada na Bolívia e a de Corumbá no Brasil, enquanto o cerro de Potosí está cada vez mais oco por dentro, o morro do urucum deixará de existir

devido a forma da extração do minério de ferro. Para marcar essa fronteira o sol surge entre a junção dos morros.

As empresas de extração com seus falsos discursos de proteção ambiental: como pensar que é plausível explorar o solo até um morro deixar de existir, como afirmar que há pautas de proteção ou preservação ambiental nesse tipo de extração de minerais? qual a necessidade de tanto consumo? Como deixar um morro tão pobre em nutrientes que não germina nem sequer uma grama?

Fig. 20. Montagem entre o Morro Maciço do Urucum e o Cerro de Potosí.



Fonte: Acervo pessoal.

Um dos primeiros passos para a composição desta obra foi realizar uma montagem entre o morro Maciço do Urucum situado em Corumbá, de onde é extraído ferro, e o Cerro Rico de Potosí, de onde se extraiu prata desde antes da colonização espanhola. O que mais tarde se tornaria a base para a produção da pintura *Pachamama chora o futuro*.

A escolha desses dois morros foi devido a conexão que estabeleci entre eles, quando me deparei com a história de Potosí, me veio à mente a situação em Corumbá que em seu território possui áreas com minério de ferro, dentre elas a mais importante é o morro do Urucum.

Uma das referências visuais para essa pintura é a obra "La Virgen del Cerro", com muitos mistérios sobre ela, por se tratar de uma pintura anônima, datada de 1720, além da falta de informações do artista, também não se tem certeza se realmente é a pintura original ou se é uma cópia. Trazendo uma referência católica cristã para o cotidiano

andino, ocorrendo uma hibridez entre as culturas cristão e a cosmovisão andina. A terra, nesta obra, é representada por uma montanha que é ao mesmo tempo o Cerro de Potosí e a Pachamama, a mãe terra para os andinos e a Virgem Maria para os cristãos. A virgem Maria está sendo coroada com as bênçãos do espírito santo, representado na obra pelo pomba. Esta virgem Maria hibridizada com a pachamama é a montanha de Potosí, onde podem ser vistos diversas pessoas trabalhando, uma simulação das etapas de extração da prata.

Fig. 21. La Virgen del Cerro, anónimo potosino, Museo Casa de Moneda, Potosí



Fonte: Universidad de los Andes Colombia

O sol que aparece na obra (Fig 19), é alusivo ao monumento que fica próximo a fronteira entre Corumbá e Arroyo Concepción, escolhi este monumento como referência, por ser um marco visual da localização entre dois países, e por estar situado em Corumbá, por isso que o sol está posicionado atrás do morro do Urucum, uma forma indireta de me posicionar na pintura, e também fazer uma conexão com a minha origem.

Fig 22. Monumento presente na fronteira Brasil/Bolívia.



Fonte: mapio.net

As etapas dos processos ocorre primeiramente pela escolha do tema, que seria esse diálogo que associando as duas cidades, e os elementos que seriam posicionados na obra, logo após preparei a tela e passei o desenho finalizado, sequenciando as outras etapas da pintura até o processo final, sofrendo alterações nas cores para uma harmonia entre elas.